

A COMUNIDADE DE SÃO FÉLIX DO TOCANTINS E A ARTE DO CAPIM DOURADO: VOCABULÁRIO REGIONAL COMO REFLEXO DA CULTURA LOCAL

THE COMMUNITY OF SÃO FELIX DO TOCANTINS AND 'GOLDEN-GRASS' (*Syngonanthus nitens*) HANDCRAFT: REGIONAL VOCABULARY AS A REFLECTION OF LOCAL CULTURE

Maria do Perpétuo Socorro Ribeiro Lopes
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
socorrinha_laysa@hotmail.com

Greize Alves da Silva
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
greize_silva@yahoo.com.br

Eduardo Ribeiro dos Santos
Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NUPAM),
Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)
eduardo.rs@unitins.br

Resumo: O Jalapão, situado à leste do estado do Tocantins, compreende uma das regiões mais isoladas do estado, principalmente pela dificuldade de acesso. Lá predominam solos arenosos, de baixa fertilidade e de pouca aptidão agrícola. Recentemente, a atividade de produção e venda do artesanato do capim-dourado tornou-se a principal fonte de renda de centenas de famílias da região do Jalapão. Neste contexto, verifica-se a existência de dois elementos naturais, os quais estão intrinsecamente associados com a população regional, sendo o capim-dourado (*Syngonanthus nitens* (Bong. Ruhland) e o buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.). Assim, o presente trabalho teve como objetivo identificar e registrar os termos e expressões linguísticas utilizadas pela comunidade artesã do capim-dourado no município de São Félix do Tocantins, na região do Jalapão. A catalogação do acervo lexical foi feita a partir do conhecimento das artesãs, com base em literatura específica e consulta a especialista.

Palavras-chave: capim-dourado; buriti; artesão; manuseio.

Abstract: The Jalapão region on the eastern sector of the state of Tocantins, Brazil, is one of the most isolated areas of the state, particularly for its lack of accessibility. Sandy and low fertility soils abound, with scanty agricultural produce. During the last decades, the production and sale of golden-grass handcraft became the main source of income of hundreds of families in the region. Two natural factors are present in this context, intrinsically associated with the population, namely the golden-grass (*Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland) and the 'buriti' palm (*Mauritia flexuosa* L. f.). Current paper identifies and registers linguistic terms and expressions employed by artisans within the Jalapão region, in the municipality of São Félix do Tocantins. Terms were catalogued by the artisans' knowledge, based on the literature and consultation of specialized people.

Keywords: 'golden-grass'; 'buriti' palm; artisans; handling.

ASPECTOS INICIAIS

O Jalapão está situado na porção leste do estado do Tocantins e compreende uma das regiões mais remotas do estado. Insere-se no Território da Cidadania Jalapão: abrange uma área de 34.113,20 Km² e é composta por oito municípios: Lagoa do Tocantins, Lizarda, Mateiros, Novo Acordo, Rio Sono, Santa Tereza do Tocantins, São Félix do Tocantins e Ponte Alta do Tocantins. A população total do território é de 30.644 habitantes, dos quais 11.551 vivem na área rural, o que corresponde a 37.69% do total (FERNANDES; LUCINDA, 2011).

Nos últimos anos, a região do Jalapão tem ganhado projeção nacional e internacional

promovida pelas suas belezas naturais e pelo seu artesanato típico, produzido a partir de uma planta conhecida popularmente como capim-dourado, nativa e abundante na região.

Não obstante, a dificuldade de acesso à região, a diversidade e a singularidade das paisagens naturais do Jalapão representam os pontos que vem contribuindo para impulsionar a atividade turística da região, especialmente o ecoturismo. Entre esses ambientes destacam-se as cachoeiras, corredeiras, fervedouros, dunas, serras, lagoas, córregos, riachos e praias e o próprio artesanato como os atrativos turísticos do Jalapão (BENVINDO, 2009).

Em toda sua extensão, a paisagem jalapoeira é dominada por extensas planícies onde predominam os campos limpos de aparência árida e de plantas raquíticas que contrastam com a abundância de corpos hídricos de águas cristalinas, circundados por estreitas florestas ripárias. Essa rica rede de drenagem, sendo em sua maioria perene, formada por nascentes, rios, riachos, córregos, lagoas e veredas rendeu à região o título de “Jalapão, Sertão das Águas” na obra do fotógrafo e ambientalista Miguel von Behr (VON BEHR, 2004).

De acordo com Sousa (2012, p. 14), dado o isolamento do território, em relação a outros núcleos maiores, e o turismo inconsequente, a região vem passando por avanços e retrocessos:

Os avanços estão relacionados à questão do desenvolvimento e melhoria na vida de parte da população local, ocasionada, principalmente, pelo incentivo, ou melhor, fortalecimento da atividade artesanal com o capim dourado atrelado ao desenvolvimento do turismo na região. O retrocesso concentra-se basicamente na degradação dos recursos naturais como a devastação das estradas vicinais e de alguns pontos turísticos pelos acessos desordenados e a falta de conscientização da população visitante.

Em decorrência do predomínio de solos arenosos e de baixa fertilidade, a região apresenta pouca aptidão agrícola, tendo a economia local baseada na agricultura de subsistência e na pecuária extensiva (SEPLAN, 2003). Recentemente, a atividade de produção e venda do artesanato do capim dourado tornou-se a principal fonte de renda de centenas de famílias do Jalapão (SCHIMIDT et al., 2007), sendo que em muitos casos, essa pode constituir a única das famílias da região (FIGUEIREDO et al., 2006).

Embora somente nos últimos 10 a 15 anos a produção do artesanato do capim dourado tenha ganhado destaque (SCHIMIDT et al., 2007), essa técnica foi introduzida no território por volta de 1930 pelos índios Xerente que ensinaram essa arte para os moradores do povoado Mumbuca, no município de Mateiros (SAMPAIO et al., 2010) e, conseqüentemente, a outros moradores dos povoados vizinhos, o caso de São Felix do Tocantins, por exemplo.

Nesse particular, é importante mencionar que a comunidade-foco do presente São Félix do Tocantins, localizada na região do Jalapão, estado do Tocantins, instaura-se em situação de isolamento, cujo povoamento foi iniciado com migrantes nordestinos vindos principalmente do Piauí, Maranhão e Bahia. Não se pode precisar com exatidão a data de fundação da localidade, mas consta em dados oficiais que sua fundação deu-se a partir de Sr. Carlos Marinho (comerciante) e da Sra. Marcelina Neves da Cunha. Foi emancipado no dia 20 de fevereiro de 1991, pela Lei Estadual 251 (IBGE, 2013)

Neste contexto, ao analisar a região do Jalapão, e conseqüentemente o município de São Felix do Tocantins, há a existência de dois elementos naturais os quais estão intrinsecamente associados aos costumes e tradições da população: o capim-dourado e o buriti. Logo, pelo viés linguístico, interessa-nos registrar os termos que estão ligados a esses dois elementos.

Pesquisas abordando os aspectos da linguagem regional do Tocantins, em especial da região do Jalapão, ainda são escassos. Entre os estudos sobre o repertório vocabular utilizado pela população do Jalapão destacam-se os trabalhos pioneiros de Barbosa (2014), que teve por finalidade descrever a realidade dialetológica/sociolinguística do vocabulário utilizado no manejo do capim dourado na comunidade de Mumbuca.

Tomando como base os vários níveis da língua, o lexical, definido como “o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua” (BIDERMAN, 1999, p. 88), é o que mais transparece as características

sociais e históricas de dada população. Nessa finalidade, o presente estudo objetivou o registro do vocabulário utilizado no manejo do capim-dourado, tomando como base que vocabulário é entendido como o conjunto comprovável das “realizações discursivas dessas mesmas unidades [léxico]”, e restrito à uma área linguística.

O trabalho estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, propomos breve discussão acerca do conceito de vocabulário regional. Nesse pressuposto, adentramos a noção de neologia, uma vez que o entendimento de vocabulários específicos, como o encontrado no manejo do capim-dourado incluem questões de natureza neológica, principalmente semântica. Em seguida, expomos as noções botânicas das duas plantas muito utilizadas na comunidade de São Felix: capim-dourado e buriti para, em seguida, apresentarmos nossa comunidade de estudo.

A análise, capítulo 4 apresenta os termos coletados e seus significados por meio dos relatos orais das artesãs; há também a inserção de comentários que aliam a questão vocabular à cultura local. Por fim, nossas considerações finais.

Vocabulário regional: reflexos da cultura local

Dos três níveis da língua: fonético, lexical e morfossintático, temos o lexical como mais suscetível às mudanças em, por vezes, em um curto período de tempo. Esse fato dá-se em virtude desse nível da língua estar mais atrelado a fatores de ordem história e social, cujo falante, a depender do referente, modifica-o em função de sua necessidade imediata de nomeação. Para Biderman léxico pode ser entendido como “o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua” (1999, p. 88).

Nesse particular, o Brasil, dada sua extensão quase continental, abriga grande diversidade lexical, a depender dos processos extralinguísticos, tais como os veios colonizatórios de cada região, os traços de ruralidade e, mais intensamente nas últimas décadas, os deslocamentos e migrações de diferentes populações. Esses fatos evidenciam a grande dificuldade em se documentar as chamadas variações lexicais do território brasileiro.

Assim, a documentação de traços regionais de determinada comunidade contribui para a descrição dos veios dialetais/lexicais de diferentes esferas, tendo em vista que as formas lexicais utilizadas são o resultado dos valores de uma comunidade linguística, e reflete a visão que seus membros tem da realidade que o circunda (ISQUERDO, 2003).

Em vista disso, a depender da necessidade que a comunidade possui em nomear, as unidades lexicais renovam-se constantemente, à medida que atuam sobre ele fatores de ordem histórica, social e territorial. Sendo assim, e entendendo *vocabulário* como o conjunto comprovável das formas discursivas, presente em determinada comunidade linguística (BIDERMAN, 1999), esse vocabulário circunscrito não ficaria imune à formação étnica daquela população e até às características socioambientais do espaço. A respeito do ambiente físico, são oportunas as palavras de Isquerdo

Acrescem-se ainda as particularidades físico-geográficas que identificam as várias regiões brasileiras em termos que características geomorfológicas, de clima, de flora e fauna, que geram hábitos culturais distintos que, por vezes, exigem formas específicas de nomeação (ISQUERDO, 2006, p. 11).

No entanto, para entendermos a definição de vocabulário, mais especificamente o regional, faz-se necessário o contraste dessas matrizes linguísticas com a própria conceituação: *regional versus padrão* no português brasileiro. Para Biderman (2001a) constitui-se regionalismo toda palavra ou expressão, usada predominantemente por grupos minoritários, não presente no eixo Rio/São Paulo. Ou seja, são as formas linguísticas que caracterizam particularmente um espaço e que não são usadas amplamente em outros territórios.

Tal fato evidencia que a tarefa em se delimitar o que é *regional* do que se constitui como *padrão* não é das mais simples. Isquerdo (2003), fundamentada em Matoso Câmara (2000), estabelece que o regional pode ser entendido, em sentido *lato*, quando são privativos a determinadas regiões brasileiras, subdivididos em dialetos; e em sentido *stricto* quando dizem respeito somente ao léxico e podem ser de forma (vabulares) ou de significação (semânticos).

Entendido que o léxico carrega as experiências humanas acumuladas ao longo dos séculos, cuja análise permite-nos o conhecimento dos veios históricos e sociais de diferentes grupos linguísticos e das motivações que levaram os falantes a uma nova criação lexical (FERRAZ, 2006), há que se destacar os *vocabulários* típicos de determinados afazeres, exemplo de trabalhos descritivos da lida com o gado, dos seringueiros, etc, apresentam a formação de unidades lexicais necessárias ao domínio e da nomeação dos termos que lhes são particulares. Assim, a documentação desses vocabulários constitui-se de grande importância, posto que

A constituição de dicionários, de glossários e de vocabulários de cunho regionalista pode contribuir para o registro e a descrição de particularidades lexicais, uma vez que possibilita, sobretudo por meio de estudos contrastivos, a verificação de ocorrências ou não de determinadas variantes em diferentes regiões do País (FRUBEL; ISQUERDO, 2004, p. 153).

Para esse processo, o falante faz uso de dois processos: i) a utilização de termos já existentes na língua, cujo falante atribui-lhe outro significado (neologismo semântico), ou ii) utilização das características, por vezes, físicas do objeto nomeado. (ISQUERDO, 2003). Em ambos os processos, vale-se da criatividade do falante em atribuir novos significados em formas já disponíveis. Segundo Breal:

Normalmente as mudanças de sentido das palavras são obra do povo, e como em todo lugar onde a inteligência popular está em jogo, é preciso confiar, não numa grande profundidade de reflexão, mas em intuição, em associações de ideias, às vezes imprevisas e bizarras, mas sempre fáceis de acompanhar. É, pois, um espetáculo curioso e atraente que nos convida essa história (BRÉAL, 1992, p. 181).

O processo criativo do falante, intitulado neologia, pode ser entendido como “processo de criação lexical” (ALVES, 2004, p. 5), que consiste na produção de significados distintos para uma forma, por vezes, já existente na língua. O resultado desse processo são os neologismos, quando essa nova criação começa a fazer parte do universo linguístico do falante.

A criação lexical pode seguir três caminhos neológicos: formal, semântico e de empréstimos. Segundo Ferraz (2006), cada um dos processos pode ser compreendido da seguinte maneira: i) o formal atrela-se predominantemente aos mecanismos linguísticos internos, sejam eles de ordem fonética, lexical ou morfossintática, ou seja, quando o falante utiliza-se das próprias regras do sistema linguístico para formar novos termos. São os mecanismos por composição, acronimia, etc. (FERRAZ, 2006)

O segundo processo, ii) o de criação semântica, ocorre quando o falante atribui novo significado a uma forma já existente na língua; são conhecidos os neologismos semânticos, além de outras figuras de linguagem: metáfora, metonímia, etc. Por fim, o iii) composição por empréstimos acontece quando há introdução de elementos de outro sistema, comumente de outras línguas; são os estrangeirismos tão comuns na área da informática, por exemplo.

Dos três processos de criação neológica, a criação por extensão de sentido, ou seja, a semântica é a mais utilizada, pois são usadas formas já existentes na língua, cujo falante atribui outro significado; por essa razão são extremamente recorrentes na linguagem popular e podem ser evidenciados dentro dos vocabulários específicos das profissões, no caso, o manejo do artesanato de capim-dourado na comunidade de São Felix do Tocantins.

A comunidade de São Felix do Tocantins

A cidade foco de nosso estudo constitui-se como município da região do Jalapão, estado do Tocantins; foi formada predominantemente por migrantes nordestinos vindos dos estados limítrofes: Piauí, Maranhão e Bahia. A cidade é dividida em duas partes, separadas pelo ribeirão São Félix, um afluente do rio Soninho. Possui uma população de 1.437 habitantes com uma área territorial de 1.908,678 km² e densidade demográfica de 0.75 hab/km² e o Índice de Desenvolvimento Humano

Municipal (IDHM 2010) de 0.574 (IBGE, 2017). A cidade situa-se a 195,23 km de distância em linha reta da capital Palmas, Tocantins.

Em relação ao aspecto econômico do município de São Felix, sua economia é totalmente dependente dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e a irrisória arrecadação do imposto municipal ICMS. Além desses pequenos repasses do governo, a fonte de renda das famílias é proveniente da venda do artesanato de capim dourado.

Caracterização do capim-dourado e do buriti

O uso de produtos da biodiversidade, especialmente elementos da flora é bastante comum pelos povos do Cerrado que comercializam tais produtos como forma de geração de renda (ISPN, 2010). Assim, o artesanato produzido com o capim dourado e buriti no Jalapão constitui um bom exemplo de uso da biodiversidade como uma importante fonte de subsistência para comunidades locais (SCHMIDT, 2005). Nesse caso, a forma de obtenção das matérias-primas para a produção do artesanato ocorre de forma extrativista. A manufatura do artesanato do capim dourado envolve a utilização de duas plantas nativas, sendo o próprio capim dourado e o buriti.

O capim-dourado, cujo nome científico é *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland, é uma planta herbácea pertencente à família Eriocaulaceae (**Figura 1**). As espécies de Eriocaulaceae são conhecidas como “sempre-vivas”, pois, mesmo depois de destacadas e secas, conservam a aparência de estruturas vivas o que lhes conferem grande valor comercial, sendo comercializadas e exportadas para decoração de interiores (GIULIETTI, et al., 1996).



Figura 1: Aspecto geral de uma planta de capim-dourado (*Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland); ao fundo uma paisagem de vereda. Foto: Eduardo R. Santos, 2006.

O capim-dourado é uma espécie bastante comum no Cerrado, sendo característico dos campos úmidos adjacentes a veredas e matas de galeria inundáveis (FIGUEIREDO, 2007). Segundo Figueiredo (2007), trata-se de uma erva com caule curto, folhas em roseta basal com diâmetro entre 2-8 cm, conhecidas como sapata de onde partem 3-10 escapos terminais (**Figura 2**). As folhas são pouco pilosas, lineares e oblongas, com ápice acuminado. Os escapos dourados possuem 13-60cm de comprimento e os capítulos, na extremidade dos escapos, possuem brácteas involucrais creme e brilhantes (SCHMIDT, 2005; GIULIETTI *et al.*, 1996; PARRA, 1998). Os capítulos apresentam flores pistiladas e estaminadas, estas em menor número. Cada capítulo pode conter até 200 sementes

menores que 1 mm, que possuem elevada capacidade germinativa (SCHMIDT, 2005).

A Portaria 362/2007 do NATURATINS (Instituto Natureza do Tocantins) disciplina sobre a época de coleta das hastes do capim-dourado que só deve ocorrer após o dia 20 de setembro, quando as sementes estão maduras (TOCANTINS, 2007).

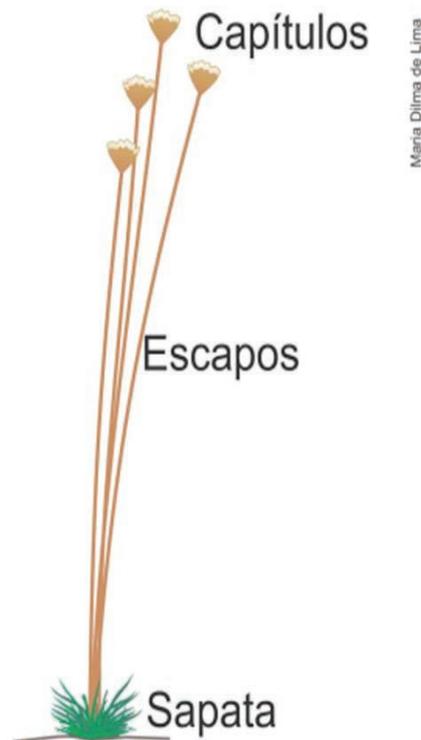


Figura 2: Representação esquemática da planta do capim-dourado (*Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland). Fonte do desenho: Lima et al., 2012.

Por sua vez, o buriti trata-se de uma palmeira denominada cientificamente de *Mauritia flexuosa* L. f. pertencente à família Arecaceae (**Figura 3**), sendo uma espécie definidora dos ambientes de veredas, tanto pela importância ecológica quanto pela alta densidade em comparação com as poucas espécies arbóreas que ali ocorrem (RESENDE et al., 2012).

Segundo Schmidt et al:

O buriti é uma palmeira com estipe solitário dióica, de até 35m de altura, com folhas costa palmadas durante todo o ciclo de vida, que podem alcançar mais de 3m de comprimento. A frutificação ocorre a cada dois anos no período de setembro a fevereiro. Esta espécie ocorre desde o noroeste da América do Sul, nos Andes, até o litoral brasileiro no Pará e Maranhão (SCHMIDT et al, 2011, p. 70).



Figura 3: Aspecto da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) Ruhland). Foto: Eduardo R. Santos, 2006.

Cada buriti adulto possui de 20 a 30 folhas. Cada folha é composta de três partes: a capemba, o talo e a palha (**Figura 4**). A capemba é a parte mais larga do talo que fixa a folha ao caule do buriti. O talo é coberto por uma fibra dura, conhecida como tala, que pode ser retirada para tecer cestos, esteiras e outros artesanatos. A palha é o restante da folha, que é usada para cobrir o telhado das casas (SAMPAIO, 2011).

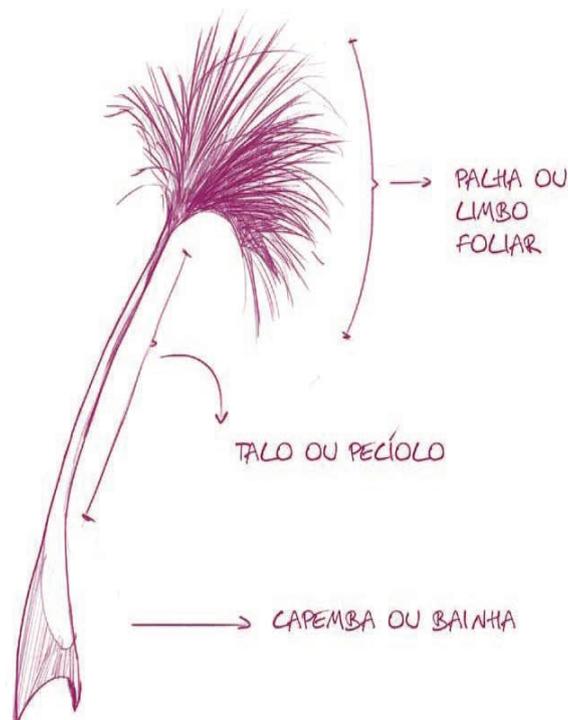


Figura 4: Representação esquemática da folha do buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) Ruhland). Fonte do desenho: Sampaio, 2011.

A polpa retirada do fruto de sabor muito agradável é utilizada como alimento, consumida *in natura* ou na forma de doce, sorvete, picolé, suco, vitamina, licor, entre outros. O óleo também extraído do fruto é utilizado para diversos fins na medicina popular. O buriti constitui uma das palmeiras mais majestosa e imponente da flora brasileira e apresenta excelente potencial para o uso no paisagismo urbano.

Para Resende et al. (2012) *M. flexuosa* é uma palmeira definidora dos ambientes de veredas, tanto pela importância ecológica quanto pela alta densidade em comparação com as poucas espécies arbóreas que ali ocorrem. Ela serve como fonte de alimento e local de abrigo e de reprodução para diversos elementos da fauna, podendo ser considerada como uma espécie-chave nas veredas. A grande importância dessa palmeira para as populações locais é destacada por Sampaio et al. (2010), pois, segundo ele, do buriti se aproveita tudo, desde as folhas (ou palhas) até a raiz, sendo por isso chamada de “árvore da vida”.

Ainda discorrendo sobre a importância social, econômica e ecológica do buriti esse mesmo autor descreve:

Do buriti, dá para se fazer cestos, bolsas e vassouras com o uso das folhas trançadas, caixas e móveis dos talos das folhas, doces e óleo a partir dos frutos, cercas e paredes podem ser construídas com o uso dos troncos e até remédios caseiros podem ser feitos com as raízes. Os frutos são muito ricos em vitaminas A, B, C e em ferro. É uma das frutas que mais contém vitamina A (ou caroteno) no mundo (SAMPAIO, 2010, p. 41).

Para a produção do artesanato de capim-dourado são utilizadas duas espécies de plantas, sendo o próprio capim-dourado, cujas hastes ou escapos florais de cor dourada são trançados para a confecção das peças com a utilização de fibras obtidas a partir das folhas jovens do buriti. Figueiredo descreve os procedimentos para a produção do artesanato do capim-dourado da seguinte forma:

A técnica empregada no artesanato consiste em costurar feixes concêntricos de escapos de capim dourado com fibra de folhas novas de buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.), localmente conhecida como seda. Atualmente, as peças ganham acessórios como botões de semente de jatobá, forros de tecido, zíper e linhas sintéticas. São feitos cestos, chapéus, bolsas, *sous-plats*, mandalas, bijuterias, entre outras peças (FIGUEIREDO, 2007, p. 3).

Esse mesmo autor, explica os métodos para a obtenção da seda do buriti:

A seda do buriti é obtida a partir de folhas novas, ainda não expandidas, de indivíduos jovens e a colheita pode ser realizada ao longo de todo o ano. Após serem colhidas as folhas do buriti, a seda é retirada da epiderme da face abaxial e a linha obtida é posta ao sol para secar. A colheita dos escapos de capim dourado é realizada entre os meses de julho e outubro em campos limpos úmidos, em geral, em áreas comuns, públicas ou privadas (FIGUEIREDO, 2007, p. 4).

Em suma, o uso das duas plantas citadas denota um exemplo de extravismo consciente, cuja comercialização das peças, dentre outros produtos procedentes do buriti, constituem-se como a principal fonte de renda de comunidades jalapoeiras.

METODOLOGIA

O foco do presente estudo foi a identificação do repertório dos termos e das expressões regionais utilizadas pela comunidade de São Félix do Tocantins na produção do artesanato do capim-dourado. A catalogação desse vocabulário foi feita com base no conhecimento das artesãs do município.

Para isso, procedemos a anotação do repertório para posterior descrição do seu significado.

Além disso, quando possível, o significado de cada termo foi complementado com base em literatura específica disponível, incluindo o dicionário Houaiss (2009). Para as terminologias específicas da botânica, contamos com a colaboração do Biólogo e Mestre em Botânica, Professor Eduardo Ribeiro dos Santos da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).

VOCABULÁRIO DA COMUNIDADE DE SÃO FELIX DO TOCANTINS

No presente trabalho foram registradas 42 formas relacionadas ao cultivo, extração e manuseio do capim dourado, das quais 31 (vou recontar) lexias são simples, ou seja, procedentes de apenas uma forma linguística, e 11 são compostas, que apresentam mais de uma palavra em sua formação. Salientamos ainda a existência de termos relacionados aos topônimos, como por exemplo: Curicaca e Ziato, nomes atribuídos aos córregos que perpassam a comunidade de São Felix, no Tocantins.

Os termos registrados são apresentados a seguir em forma de verbete, com entrada em ordem alfabética, cuja descrição reflete a forma linguística e o entendimento a ela atribuída pela artesã. Há também a verificação da lexicalização¹ dos termos nos dicionários da língua.

Abanador: Objeto produzido da palha (folha) do buriti, no formato de leque ou ventarola que é utilizado para soprar o fogo em fogão à lenha. Michaelis (2015) define abanador como: “Que ou aquele que abana ou serve para abanar; abano, leque, ventarola; que ou aquele que aviva ou atiça; atiçador, avivador”.

Balaio: Utensílio de uso doméstico no formato de cesto, produzido com a “tala do buriti” (fibra), retirada do “talo do buriti” (peciolo). Usado para transportar ou armazenar mantimentos (arroz, feijão, milho, mandioca, batata, etc.) e objetos, assim como para o transporte dos frutos do buriti, do ponto de coleta para a residência. A etimologia do termo é obscura segundo Houaiss (2009).

Braço do buriti: É a denominação local para referir-se ao talo que corresponde ao peciolo da folha do buriti (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]).

Brejo: É caracterizado por um ambiente de solos encharcados ou pantanosos, onde comumente ocorrem populações de buritis, formando os buritizais. De um modo geral, áreas brejosas não possuem linha de drenagem bem definida. De acordo com o Houaiss (2009), o termo brejo é definido como “terreno alagadiço, lodoso; pântano”, de etimologia obscura.

Buriti: É uma das plantas frutíferas mais apreciadas pela população local como fonte de alimento, além dos múltiplos usos de todas as partes da planta, constituindo-se uma importante fonte de renda. No Jalapão, o artesanato do capim-dourado é confeccionado utilizando a seda (fibra) obtida da folha jovem da palmeira buriti. É procedente do tupi *mbiri'ti* ‘espécie de palmeira’.

Buritizal: Ambiente caracterizado pela presença marcante da palmeira buriti, onde predominam solos encharcados. A presença de buritizais constitui forte indicador ambiental de presença de água superficial no ambiente. Ribeiro e Walter (2008, p. 180) conceituam buritizal como uma paisagem que ocorre “em solos mal drenados (brejosos) que está presente no fundo de vales pouco íngremes do Brasil Central, e é dominado pela espécie *Maritia flexuosa*, o buriti”.

Cabecinha: Corresponde um aglomerando de flores (inflorescência) situadas no ápice da haste floral (escapo) e que após a polinização e fecundação formarão as sementes do capim-dourado. Encontra-se dicionarizado em Houaiss (2009) como extremidade de uma planta ou erva. Na terminologia botânica este tipo de inflorescência é denominado de capítulo (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). Gonçalves e Lorenzi (2007, p. 127) conceituam o termo *capítulo* como sendo uma “inflorescência densamente condensada, discoide ou arredondada, com flores sésseis”.

Capemba: Estrutura de forma côncava retirada da folha do buriti, usada para secagem da polpa do buriti ao sol. Na terminologia botânica, a capemba, representa a “bainha que é a parte basilar e alargada da folha que abraça o caule” (VIDAL e VIDAL, 2003, p. 77). Souza et al. (2013, p. 83) definem bainha como “estrutura presente na maioria das monocotiledôneas, corresponde à

¹ Quando uma forma linguística passa a integrar o léxico de uma língua, tornando-se usual.

parte da folha que envolve o caule em maior ou menor extensão”. Não há lexicalização do termo em dicionários da língua.

Capim-dourado: Planta típica das veredas do Jalapão. Trata-se de uma planta curiosa em razão da coloração dourada e brilhante dos seus escapos florais (hastes). Desses escapos são produzidas as peças de artesanato do capim-dourado típico dessa região. Do ponto de vista botânico, chamar essa planta de capim pode levar a imaginar que ela pertença à família Poaceae, que é a família dos capins (gramíneas), contudo, ela de fato não é uma gramínea, pois pertence à família Eriocaulaceae (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). Apesar da ampla utilização dessa planta, sua conceituação não está lexicalizada.

Cofó: Cesto trançado confeccionado com a palha (folha) recém-colhida do buriti. O cofó é utilizado à tiracolo para transporte de mantimentos e objetos. É usado amarrado na cintura para a colheita manual do arroz por agricultores familiares. Regionalmente, o cofó serve para transporte de galinha, pois permite a respiração da mesma durante o trajeto. Sua etimologia é procedente do antigo *cofinho*, do latim *cophinus* ‘cesto’ e, este, do grego *kóphinos* ‘cestinha de flores’.

Colheita: Ato de colher de forma extrativista o capim-dourado nos campos úmidos (veredas), o seu ambiente de ocorrência natural. Sobre a colheita do capim-dourado, Viana (2013, p. 20) explica que “é feita manualmente: os escapos são arrancados, geralmente pelo capítulo, e armazenados sem passar por tratamento específico”.

Costura: Técnica tradicional de manufatura do artesanato através da costura dos escapos ou hastes do capim-dourado, utilizando a seda obtida do buriti para fazer o trançado das peças artesanais. Viana (2013, p. 19) esclarece que “o termo “costura” é utilizado localmente para designar a confecção das peças de artesanato”.

Crate: Tipo de sofá confeccionado utilizando o talo (pecíolo) ou braço do buriti. Sua forma não está dicionarizada, mas possivelmente seja procedente do inglês *crate*, significando ‘caixote’.

Esteira: Peça trançada utilizando a palha (folha) ou a tala obtida do talo (pecíolo) do buriti. A esteira é utilizada para se sentar ao chão ou como tapete para decoração de ambiente. A forma é procedente do latim *storèa* ou *storia,ae* (HOUAISS, 2009).

Fio dourado: Fio ou linha sintética de cor dourada, usada para a costura das peças de capim-dourado. Essa linha substitui a seda do buriti na confecção do artesanato, especialmente as peças de bijuterias, por proporcionar uma cor mais dourada que a seda do buriti.

Haste: É o fio de coloração dourada que parte do centro da sapata, do qual é produzido o artesanato. De acordo com a nomenclatura botânica, essa parte de planta denominada de haste pelos artesãos, corresponde ao escapo floral (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). Para Vidal e Vidal (2003, p. 98), o escapo ocorre em plantas cujo caule é muito reduzido ou subterrâneo como rizoma ou bulbo em que suas folhas aparentam nascer diretamente do solo. Ainda segundo esses autores, o escapo não possui ramificação é afilo (sem folhas) e sustenta flores na extremidade.

Jalapa: É o nome atribuído à planta que deu origem ao nome da região Jalapão. No Jalapão diferentes espécies de plantas têm sido denominadas como sendo a jalapa. Contudo, para todas elas são atribuídas a indicação de uso medicinal desde ação purgativa (laxante) até estomáquica (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). Procede do topônimo *Jalapa (Xalapa)*, cidade do México, de onde provém a planta, pelo espanhol *jalapa* (HOUAISS, 2009).

Mandala: Peça artesanal de capim-dourado de formato arredondado ou elipse, vazada e com tamanhos e tipos de ornamentações diferentes. Pode ser utilizada como peça de decoração na parede ou como suporte para prato ou panela. Segundo Houaiss (2009), trata-se de uma forma exótica, procedente do sânscrito *mandala* ‘círculo’, por extensão de sentido: ‘linha fechada em círculo que simboliza o universo’

Mói: Termo local utilizado para denominar o feixe amarrado das hastes de capim-dourado. Variação fonética de *molho*.

Molho: Refere-se ao feixe das hastes de capim-dourado depois de colhidos e amarrados. Em Houaiss (2009) recebe a significação de “feixe pequeno; braçado”, cuja origem é latina.

Muceca de capim: Expressão local que define um molho ou feixe das hastes de capim-dourado, equivalente ao *mói*. A palavra muceca também é utilizada para referir-se ao feixe ou molho de cachos de arroz, amarrado com fita e armazenado em paiol ou pendurado. Não está lexicalizada com tal acepção, ressaltando a terminologia local da forma.

Olho-do-buriti: É a folha mais nova e ainda fechada da palmeira buriti, portanto, a folha mais terminal da planta. Dele são retirados a seda utilizada para a costura do capim-dourado. O olho-do-buriti corresponde às folhas-flecha (folhas jovens ainda não abertas), conforme definição de Figueiredo et al. (2006, p. 4). Forma não lexicalizada.

Ouro do cerrado: Expressão usada regionalmente para se referir ao capim-dourado, numa alusão à sua própria cor, bem como ao valor comercial que a planta representa para esses povos na obtenção de renda.

Palha do buriti: Expressão regional utilizada para designar o limbo da folha do buriti (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). A palha (folha) do buriti é utilizada pelos sertanejos para diversos fins como, por exemplo, a produção de esteiras, abanos, feitura de paredes e cobertura de casas rústicas.

Paneiro: Tipo de cesto alongado, de boca larga, feito da tala do buriti trançada, cujo sustentáculo é feito com tala do colmo (caule) de taboca (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). O paneiro é utilizado para o armazenamento de cereais como arroz, feijão e milho ou como cesto para roupa suja. É procedente do espanhol *panero* 'cesto para pôr o pão que sai do forno; esteira pequena e redonda'.

Pela do buriti: Refere-se à polpa seca do fruto do buriti, obtida através da raspagem com o uso faca ou colher. A obtenção da polpa do buriti na forma de pele, e após secagem, é uma forma que o sertanejo encontrou para garantir a armazenagem e conservação da polpa por mais tempo, sem alterar significativamente a cor e o sabor original. O ato de pelar alude ao fazer ficar sem a pele ou a casca (HOUAISS, 2009).

Peneira: Utensílio doméstico de formato circular feito do trançado da tala do buriti e com aro produzido da tala do colmo (caule) da taboca (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). A peneira é utilizada para peneirar a massa da mandioca para produzir a farinha ou peneirar a tapioca (polvilho) para fazer o beiju. Portanto, dependendo do tipo de uso, a peneira tem diferentes tamanhos e dimensões dos furos para permitir a passagem do peneirado. A peneira usada para peneirar a massa da mandioca construída a partir da tala do buriti, enquanto a aquela empregada para peneirar a tapioca é feita da tala da taboca e tem tamanho menor que anterior.

Quibane: Termo utilizado regionalmente para se referir ao objeto arredondado feito da tala do buriti trançada com aro da tala do caule (colmo) da taboca, utilizado para separar os grãos de arroz sem casca daqueles com casca. A não ser pela ausência de furos, o quibane assemelha-se muito à peneira. Para outras localidades, nos estados do Maranhão e Tocantins, há variação da palavra para "quibano". Lucena (2008, p. 132) estudando comunidades agroextrativistas do babaçu registrou a palavra quibano como "uma espécie de peneira grossa feita da palha do babaçu, usada para secar e assoprar arroz". O termo é proveniente do africano quibando (MENDONÇA, 2012, p. 164).

Roseta: Base da planta capim-dourado caracterizada pelo aglomerado de folhas, cuja parte central partem as hastes (escapos) florais utilizadas para a confecção do artesanato. Corresponde à sapata da planta (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). De acordo com a terminologia botânica roseta é o "termo que define um caule que apresenta os entrenós tão curtos que as folhas parecem surgir todos do mesmo ponto. É o mesmo que caule rosulado" (GONÇALVES; LORENZI, 2007, p. 363).

Sebereba: Suco, geralmente, de consistência grossa feito da polpa do buriti, ao qual pode ser acrescentada farinha e rapadura. Trata-se de um regionalismo do Norte (HOUAISS, 2009).

Sambica: É o mesmo que sambereba.

Sapata: Parte basal da planta capim-dourado, caracterizada pela disposição congesta (densa) das folhas. Corresponde à roseta da planta.

Seda: Tipo de fita (fibra) retirada da folha jovem do buriti, ainda não aberta (olho-do-buriti) (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). Caracteriza-se por ser uma fibra muito fina e resistente, de cor esbranquiçada e brilhante usada para a costura do artesanato capim-dourado. Pela sua resistência, a seda é também bastante utilizada para a confecção de cordas mais elaboradas, especialmente para armar rede de dormir. Figueiredo et al. (2006) estudando o manejo do capim-dourado e do buriti no Jalapão, explica da seguinte forma a obtenção da seda: "a seda de buriti é obtida da epiderme da face abaxial de folhas-flecha (folhas jovens ainda não abertas), produzidas

uma por vez no centro da copa de indivíduos jovens. Após ser colhida, a epiderme é desfiada e posta ao sol para secar”.

Suplá: Peça artesanal de capim-dourado de formato arredondado. O suplá é utilizado como peça de suporte para pratos e panelas em mesa de refeição, mas também constitui uma bela peça para decoração de parede. Suplá é a tradução da palavra francesa *sousplat* (lê-se suplá) que significa “sob prato” (*sous-plat*).

Taboca: Tipo de bambu comumente encontrado nas matas secas, bordas das matas de galeria e cerradão na região. É uma planta do grupo das monocotiledôneas pertencente ao gênero *Guadua* da família das gramíneas (Poaceae ou Gramineae) (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]).

Tala do buriti: Tipo de fibra obtida da epiderme do talo (pecíolo) do buriti, utilizada para a manufatura de balaio, cesto, esteira, paneiro, peneira, tapiti, quibane, etc. Após extrair a tala do pecíolo do buriti, realiza-se uma raspagem em parte da medula (tecido esponjoso) que constitui a estrutura de preenchimento do talo (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]).

Talo do buriti: Corresponde ao pecíolo da folha do buriti. Regionalmente, o talo do buriti também é chamado do “braço do buriti” (SANTOS, 2017 [comunicação pessoal]). É aproveitado para diversos fins como fabricação de móveis, portas, caixas para armazenar mantimentos, brinquedos, rolhas para tampar garrafas e gaiola para pássaro. Antigamente, na zona rural, o talo do buriti era empregado na fabricação de caixão (urna funerária).

Tapiti: Objeto de forma cilíndrica produzida da tala trançada do buriti, cuja função é servir como espremedor na prensagem e secagem da massa ralada da mandioca para a produção de farinha. Houaiss (2009) o define como “cesto cilíndrico de palha em que se põe a massa de mandioca para ser espremida; sinônimo para tipiti”.

Trançado: Termo utilizado para o ato de confeccionar utensílios como esteiras, tapiti, abanador, cestos, utilizando a tala ou a palha do buriti, de forma entrelaçada. Tipo de costura para unir as hastes do capim-dourado utilizando a seda ou fio dourado na confecção do artesanato.

Urupema: Objeto de formato circular empregado para peneirar a massa da mandioca na confecção de farinha ou para peneirar o polvilho (tapioca) para fazer beiju. A urupemba é feita da tala do buriti ou da tala da taboca; do tupi *uru’pema* ‘espécie de peneira’ (HOUAISS, 2009).

Vereda: ambiente com solo geralmente encharcado onde ocorrem populações de buriti acompanhando pequenos cursos d’água, que formam os buritizais. Para Ribeiro e Walter (2008, p. 182) “a vereda é a fitofisionomia com a palmeira do buriti (*Mauritia flexuosa*) emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas”. Para esses autores “as veredas são encontradas em solos hidromórficos, saturados durante a maior parte do ano”. Houaiss (2009), dentre outras acepções, apresenta vereda como procedente de regionalismo do Centro-Oeste.

Viola de buriti: Instrumento artesanal de cordas produzido a partir do talo da palmeira buriti.

Algumas Considerações sobre as formas lexicais

Das formas supramencionadas, notamos que dos 42 itens registrados nesse estudo, 26 deles estão relacionados com a planta do buriti, seja referente à sua parte morfológica como capemba, palha, talo do buriti, ou são relativos aos produtos artesanais dela obtidos como: esteira, paneiro, sebereba, bem como ao ambiente de ocorrência dessa planta: vereda e brejo, como exemplificado na Tabela 1.

Tabela 1: Formas relacionados com a planta buriti na comunidade de artesãos do capim-dourado em São Félix do Tocantins.

1	Abanador	15	Peneira
2	Balaio	16	Quibane
3	Braço do buriti	17	Sambica
4	Brejo	18	Sebereba
5	Buriti	19	Seda
6	Buritized	20	Tala do buriti

7	Capemba
8	Cofo
9	Crate
10	Esteira
11	Olho-do-buriti
12	Palha do buriti
13	Paneiro
14	Pela do buriti

21	Talo do buriti
22	Tapiti
23	Trançado
24	Urupemba
25	Vereda
26	Viola de buriti

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao capim-dourado, foram encontradas 15 formas, relacionadas principalmente à morfologia da planta como, por exemplo: cabecinha, roseta, ou relativo os produtos artesanais obtidos dela, como mandala, suplá, etc.

Tabela 2: Formas relacionados com a planta capim-dourado na comunidade de artesãos do capim-dourado em São Félix do Tocantins.

1	Cabecinha	9	Molho
2	Capim-dourado	10	Muceca de capim
3	Colheita	11	Ouro do cerrado
4	Costura	12	Roseta
5	Fio dourado	13	Suplá
6	Haste	14	Trançado
7	Mandala	15	Vereda
8	Mói		

Fonte: Elaboração própria

O maior número de termos relacionados com a palmeira buriti, em comparação com o capim-dourado, deve-se ao fato dessa ser uma planta de maior porte, com estruturas bem definidas, como raiz, caule, folhas e frutos os quais possibilitam mais opções de usos por parte da comunidade.

Outros aspectos podem ser depreendidos dos termos anotados, dos quais podemos destacar, em acordo com as colocações de Ferraz (2006), quando aos tipos de criação neológica: formal, semântica e de empréstimo, principalmente em relação a segunda, que se constitui como profícua em nossos dados.

Em relação aos neologismos de formação semântica, há quatro itens em que averiguamos a composição por extensão de sentido: braço-do-buriti, cabecinha, olho-do-buriti e seda. Notamos que nos três primeiros há alusão às partes do corpo humano que exercem funções específicas: *braço*, *cabecinha* e *olho*, na qual o falante atribui as características dessas partes ao objeto a ser denominado. Em *braço-do-buriti*, por exemplo, incide alusão à localização do braço humano, ligada a partir de um tronco. Em *cabecinha* sugere-se a localização das flores (inflorescência) no ápice da haste floral. E em *olho-do-buriti* há a alusão às folhas jovens ainda fechadas na planta.

Ocorrência semelhante foi registrada por Barbosa (2014) na análise dos termos vinculados ao capim dourado no município de Mumbuca, em que os falantes realizam a apropriação de palavras já existentes em sua língua e transformam seu significado

Percebemos que na expressão *capim manteiga*, a característica da manteiga é atribuída ao capim, por ser frágil, liso e maleável. Outro exemplo está em *Ouro do cerrado*, expressão na qual os falantes do povoado designam o Capim Dourado: “É o ouro do cerrado. É, o capim dourado. [...] Ele vem tão lindo, ele vem. Não parece, né, de sê... do mato do cerrado não”. Este que,

por sua vez, se assemelha ao ouro por sua preciosidade na região, e, contudo, por possuir cor dourada (BARBOSA, 2014, p. 32).

Esses termos aludem ao caráter criativo do falante que faz uso de itens corriqueiros em seu meio para denominar outros, a partir de sua necessidade comunicativa. No caso de *seda*, espécie de fibra natural retirada do buriti e usada para a costura das peças de capim dourado, vemos um neologismo semântico com significação ligada às características do fio seda usados na confecção de tecidos, produzidos a partir do casulo do bicho-da seda. Ou seja, o locutor retira a significação de seda (tecido) como fio delicado e sensível e atribui à fibra que se usa na confecção das peças.

Quanto à criação neológica por empréstimo, há apenas um item no *corpus* que acreditamos tratar-se desse tipo de processo: *crate* que, apesar da sua não lexicalização, pode aludir ao anglicismo de mesma gráfica *crate*: *caixote*. No caso dessa forma em uso na comunidade de São Feliz, sua significação foi atribuída a um tipo de sofá, podendo indicar também se tratar, nessa extensão de sentido, a um neologismo semântico.

Outros termos da coleta parecem denotar que o ambiente físico é importante nessa comunidade linguística, como vemos as palavras usuais em seu meio: *vereda* e *brejo*, que se tratam dos lugares aonde são encontradas as duas plantas: o capim-dourado e o buriti, constituindo os locais de importância para a obtenção do material.

O número abundante de formas procedentes de todas as partes do buriti denota que essa comunidade, a partir de sua cultura e de seu isolamento, utiliza para a confecção de peças necessárias ao seu uso, além de remédios para várias enfermidades.

Quanto aos conceitos regionalismo *versus* forma padrão, tendo em vista as definições de Bideman e Isquierdo, há que se considerar que a maior parte dos termos aqui presentes constituem-se como regionalismos a partir da arte intrínseca do capim-dourado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vocabulário regional evidencia os termos necessários à sobrevivência da comunidade linguística. Nesse sentido, os itens coletados denotam, no caso das formas ligadas ao capim-dourado, que os falantes, normalmente, a partir de palavras já usuais na língua, criam outros termos, que são particulares ao domínio da técnica.

Outra característica liga-se a planta buriti e seu abundante número de formas. Cremos que esse fato dá-se em função do próprio ambiente físico da comunidade, seu isolamento, em relação aos grandes centros, uma vez que os habitantes utilizam elementos da flora para a confecção de artigos necessários à sua sobrevivência, sejam eles, móveis, peças, remédios, dentre outros.

O maior número de termos relacionados com a palmeira buriti deve-se ao fato dessa ser uma planta de maior porte com estruturas bem definidas como raiz, caule, folhas e frutos os quais possibilitam mais opções de usos por parte da comunidade, em contrapartida do capim-dourado em que somente o escapo (*haste*) é utilizado.

Em suma, essas duas plantas, a palmeira buriti e o capim-dourado, estão fortemente ligados aos hábitos dos povos do Jalapão, contribuindo com os costumes regionais e com o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. 3 reimpressão. São Paulo: Ática, 2004. Série Princípios. [1990]

BARBOSA, L. R. **Vocabulário do Capim Dourado**: cultivo, extração e manuseio - um estudo léxico-semântico. Porto Nacional: UFT. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras.

BENVINDO, R. A. F. **Análise comparativa dos instrumentos de regulamentação das políticas de proteção ambiental e de promoção do ecoturismo: o caso do Parque Estadual do Jalapão –TO**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009, 196p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In.: BASÍLIO, Margarida (org.). **Palavra 5**. Série Linguagem. Vol temático I. PUC/RJ. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em 20 jun. 2016.

FERNANDES, M. S.; LUCINDA, E. **Avaliação das capacidades institucionais dos municípios tocaninenses pertencentes ao território da cidadania do Jalapão**. In: 2ª Conferência do Desenvolvimento, 2011, Brasília. O desenvolvimento que o Brasil precisa. Brasília: IPEA, v. 1 p. 1 – 23

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 218-234.

FIGUEIREDO, I.B. **Efeitos do fogo em populações de capim-dourado (*Syngonanthus nitens* Eriocaulaceae) no Jalapão, TO**. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília. 73p., 2007.

FIGUEIREDO, I.B.; SCHMIDT, I.B. & SAMPAIO, M.B. Manejo sustentável de capim dourado e buriti no Jalapão, TO: importância do envolvimento de múltiplos atores. In. R.R. KUBO; J.B. BASSI; G.C. SOUZA; N.L. ALENCAR; P.M. MEDEIROS; U.P. ALBUQUERQUE (Org). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. v. 3. p. 101-113, 2006.

GIULIETTI, A.M., WANDERLEY, M.G.L., LONGHI-WAGNER, H.M., PIRANI, J.R. & PARRA, L.R. Estudos em “sempre vivas”: taxonomia com ênfase nas espécies de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 10(2): 329-383, 1996.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia Vegetal - organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares**. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2007, 416p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, Tocantins, São Félix do Tocantins**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/to/sao-felix-do-tocantins/panorama>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico Município de São Félix do Tocantins**. 2013. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=172015&search=tocantins%7Csao-felix-do-tocantins%7Cinphographics:-history&lang=>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza. **Cerrado que te quero Vivo! Produtos e Meios de vida sustentáveis apoiados pelo PPP- ECOS**. 2010. <http://www.ispn.org.br/arquivos/catalogo-final-baixa-completo-com-capa.pdf>. Instituto Centro de Vida, Brasília DF. Disponível em: <http://www.ispn.org.br/arquivos/catalogo-final-baixa-completo-com-capa.pdf>. Acesso em junho 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: Jérri Roberto Marim; Cláudio Alves de Vasconcelos. (Org.). **História, religião e identidades**. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, v. , p. 165-181.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012. 200 p.

PARRA, L. R. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: *Syngonanthus* Ruhland (Eriocaulaceae). **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**. 17: 219-254, 1998.

RESENDE, I. L. M.; SANTOS F. P., CHAVES L. J.; NASCIMENTO. J. L. Estrutura etária de populações de *Mauritia flexuosa* L. (Arecaceae) de veredas da região central de Goiás, Brasil. **Revista árvore**, v.36, n.1, p.103-112, 2012.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In.: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P.; RIBEIRO, J. F. **Cerrado: Ecologia e flora**. Brasília: EMBRAPA, 2008. v. 1, p. 152-212.

SAMPAIO, M. B. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do buriti**. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza, 2011. 80p.

SAMPAIO, M.B., SCHMIDT, I. B., FIGUEIREDO, I. B., SANO, P. T. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do capim dourado e buriti**. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010. 72 p.

SCHMIDT, I.B. **Etnobotânica e ecologia populacional de *Syngonanthus nitens*: “sempre-viva” utilizada para artesanato no Jalapão, TO**. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005, 91p.

SCHMIDT, I.B., FIGUEIREDO, I.B., SCARIOT, A.O. Ethnobotany and effects of harvesting on the population ecology of *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae), a NTFP from Jalapão Region, Central Brazil. **Economic Botany**, 61: 73-85, 2007.

SCHMIDT, I.B.; SAMPAIO, M.B.; FIGUEIREDO, I.B.; TICKTIN, T. Fogo e artesanato de capim-dourado no Jalapão – usos tradicionais e consequências ecológicas. **Biodiversidade Brasileira**. Ano 1, n. 2, p. 67-85, 2011.

SEPLAN. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Jalapão - PEJ**. Palmas: SEPLAN/NATURATINS, 2003. 204p.

SOUSA, A. T. **Gênero e empoderamento: Um estudo a partir das Associações do Artesanato de Capim Dourado na Região do Jalapão**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2012, p. 14.

SOUZA, V.C.; FLORES, T.B.; LORENZI, H. **Introdução à Botânica: Morfologia**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2013. 224p.

TOCANTINS - Governo do Estado do Tocantins. **Portaria Naturatins nº 362 de 25 de maio de 2007**. Adota as medidas de ordenamento à coleta e ao manejo do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) nas regiões que especifica. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, ano XIX, n. 2.418, 31/05/2007, p. 46.

VIANA, R. **Diálogos possíveis entre saberes científicos e locais associados ao capim dourado e ao buriti na região do Jalapão, TO**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Botânica. São Paulo, 2013. 92 pp.

VIDAL, W. N.; VIDAL, M. R. R. **Botânica – organografia: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos**. 4. ed. Viçosa: UFV, 2003. 124p.

VON BEHR, M. **Jalapão: sertão das águas**. São José dos Campos, SP: Somos Editora, 2004. 207p.